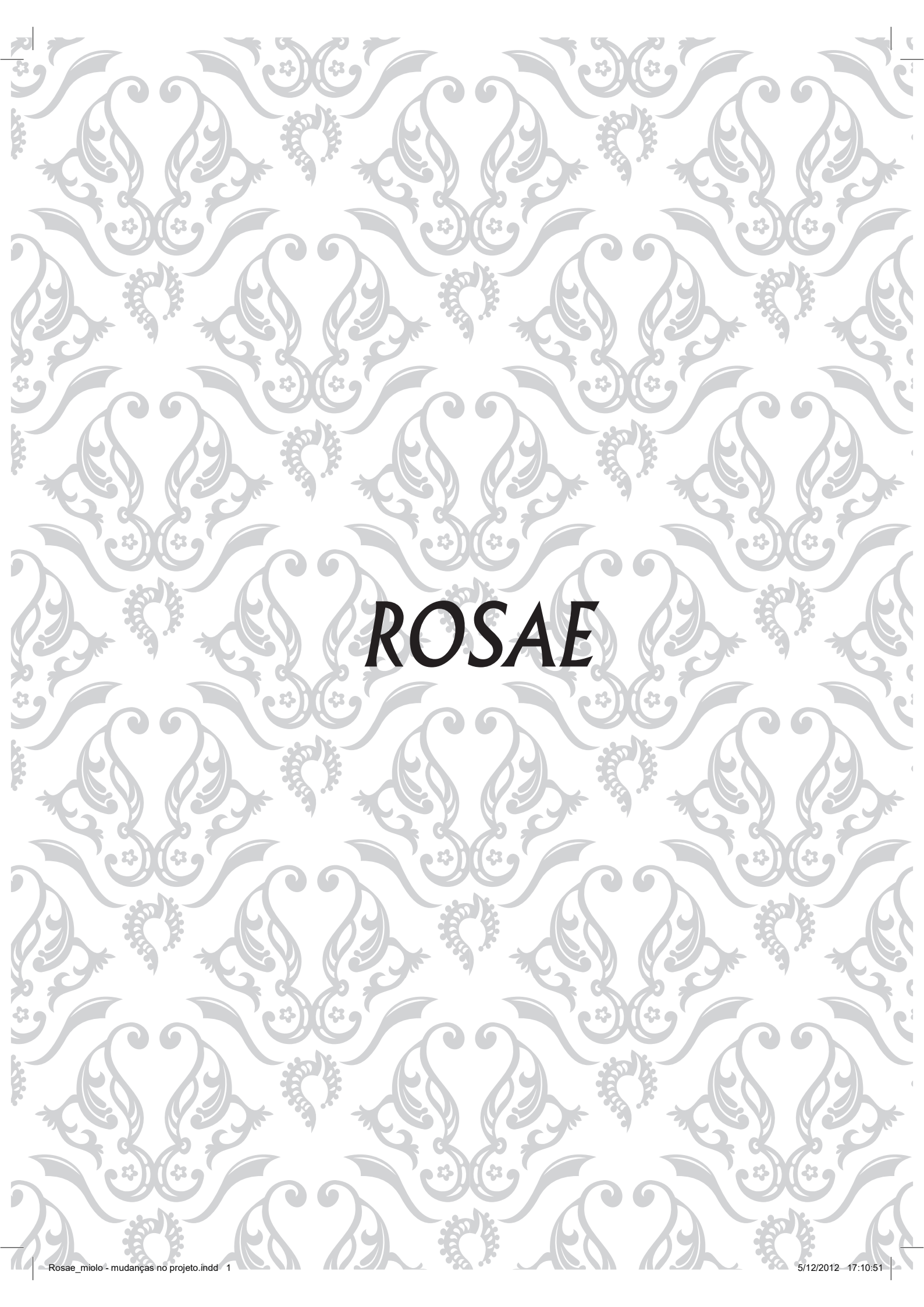




ROSAE

LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, HISTÓRIA DAS LÍNGUAS
E OUTRAS HISTÓRIAS

**Tânia Lobo, Zenaide Carneiro, Juliana Soledade,
Ariadne Almeida e Silvana Ribeiro**
(Organizadoras)



ROSAE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Dora Leal Rosa

Vice-Reitor

Luiz Rogério Bastos Leal



EDITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo



Tânia Lobo
Zenaide Carneiro
Juliana Soledade
Ariadne Almeida
Silvana Ribeiro
Organizadoras

ROSAE

LINGUÍSTICA HISTÓRICA, HISTÓRIA DAS LÍNGUAS
E OUTRAS HISTÓRIAS

Salvador
EDUFBA
2012

2012, autores
Direitos para esta edição cedidos à Edufba.
Feito o Depósito Legal.

Projeto gráfico, editoração e capa
Josias Almeida Jr.

Revisão
As organizadoras

Normalização
As organizadoras

Sistema de Bibliotecas - UFBA

ROSAE : linguística histórica, história das línguas e outras histórias / Tânia Lobo ... [et al.],
Organizadoras. - Salvador : EDUFBA, 2012.
726 p. il.

Textos apresentados no ROSAE - I Congresso Internacional de Linguística Histórica,
realizado em Salvador, no período de 26 a 29 de julho de 2009.
Inclui 1 CD-ROM

ISBN 978-85-232-0844-8

1. Linguística histórica. 2. Língua portuguesa - História. 3. Linguagem e línguas - História.
I. Lobo, Tânia.

CDD - 417.7

Editora filiada à



EDUFBA
Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Campus de Ondina,
40170-115 Salvador-Ba Brasil
Tel/fax: (71)3283-6160/3283-6164
www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

Sumário

Apresentação

Saudação

Maria Helena MIRA MATEUS
13

Celebração de Rosa Virgínia Mattos e Silva

Ataliba Teixeira de CASTILHO
19

Rosae: desvelando um dativo

Rosa Virgínia MATTOS E SILVA
25

Lusofonia: utopia ou quimera? Língua, história e política

Carlos Alberto FARACO
31

A Galiza e o espaço linguístico-cultural de expressão portuguesa

Henrique MONTEAGUDO
51

Periodização e competição de gramáticas: o caso do português médio

Charlotte GALVES
65

Completivas com duplo-*que* no português arcaico

Ilza RIBEIRO
75

O português são dois... ou três?

Mary A. KATO
93

Variação PE-PB sem configuracionalidade discursiva: argumentos adicionais para a primazia da sintaxe

João COSTA
109

**A representação dos sujeitos de “referência estendida”:
um estudo diacrônico**

Maria Eugenia DUARTE
123

**Mudança sintática no português brasileiro:
a perda de predicados complexos**

Sônia CYRINO
137

**Sobre variação e mudança no português do Brasil:
aspectos morfossintáticos**

Dinah CALLOU
161

**Os caminhos trilhados por você...
em cartas cariocas (séculos XIX-XX)**

Célia LOPES
Janaína de SOUZA
171

**Aparente variação na concordância sujeito-verbo no português europeu:
ambiguidade quanto ao carácter singular ou plural do sujeito frásico**

Ana Maria MARTINS
191

**O desenvolvimento de regras de concordância variável em variedades de
português a partir de modelos-estímulos (*inputs*) diferentes**

Alan N. BAXTER
Norma LOPES
221

**Fluxos e contrafluxos:
movimentos sociolinguísticos da comunidade de fala brasileira**

Anthony J. NARO
Marta SCHERRE
239

**A deriva secular na formação do português brasileiro:
uma visão crítica**

Dante LUCCHESI
249

A produtividade dos sufixos do ponto de vista diacrônico

Mário Eduardo VIARO
275

**O passado presente em construções lexicais:
substantivos deverbais X-ção de origem latina no português do Brasil**

Margarida BASILIO
293

**Morfologia lexical no português médio:
variação nos padrões de nominalização**

Graça Maria RIO-TORTO
305

**A antroponímia no português arcaico:
aportes sobre a sufixação em nomes personativos**

Juliana SOLEDADE
323

Mudanças na realização de /r̃/, /r/ em português

Volker NOLL
337

Monotongação de ditongos crescentes: realidade linguística e social

Dermeval da HORA
349

Pistas de mudanças fonéticas na ortografia do português

Myrian Barbosa da SILVA
357

**Efeitos da (nova) ortografia no léxico do português:
mecanismos gramaticais na grafia de algumas palavras e resultados no uso**

Enilde FAULSTICH
363

Lexicografia histórica e questões de método

Américo Venâncio Lopes MACHADO FILHO
381

O léxico do português do Brasil em dicionários

Maria da Graça KRIEGER
391

**Contacto de línguas em Moçambique:
algumas reflexões sobre o papel das línguas bantu
na formação de um novo léxico do português**

Perpétua GONÇALVES
401

**Lexicalização e gramaticalização:
processos independentes ou complementares?**

Therezinha BARRETO
407

Adverbiais espaciais e temporais portugueses: trajetos léxico-semânticos

Sônia COSTA
417

**Gramaticalização e semanticização das conjunções correlativas “sem cabeça”:
o caso do *que* consecutivo**

Marcelo MÓDOLO
441

La géolinguistique romane: de Gilliéron aux atlas multimedia

Michel CONTINI
453

**Geolingüística, sustrato y contacto lingüístico:
español, portugués e italiano en Uruguay**

Adolfo ELIZAINCÍN
481

**ALiB – um atlas nacional com dimensões continentais:
problemas, soluções, resultados**

Suzana CARDOSO
499

Dois momentos da geolingüística no Brasil: APFB e ALiB

Jacyra MOTA
509

**Dados geolingüísticos diacrônicos e sincrônicos
do campo semântico do corpo humano**

Vanderci AGUILERA
519

Linguística Histórica e Filologia

Clarinda MAIA
533

**A edição semipaleográfica da versão portuguesa do *Vita Christi* (1495) usando as
técnicas do Hispanic Seminary of Medieval Studies**

Michael J. FERREIRA
543

A expressão do alocutário no *De re coquinaria*

Célia TELLES

555

**Dos cancioneros miscelâneos aos Liederbücher:
problemas de edição da lírica profana galego-portuguesa**

Risonete de SOUZA

567

Tradição discursiva e gênero

Johannes KABATEK

579

**Tradições discursivas e tratamento de *corpora* históricos:
desafios metodológicos para o estudo da formação do português brasileiro**

Afranio BARBOSA

589

**Cinco siglos de cartas:
notas sobre la comunicacón epistolar en España (siglos XVI a XX)**

Antonio CASTILLO GÓMEZ

607

**O nome dela era Rosa:
epistolografia de uma ex-escrava no Brasil do século XVIII**

Klebson OLIVEIRA

Tânia LOBO

623

**A língua e a escola na Bahia no século XIX:
um olhar sobre materiais didáticos**

Emília Helena de SOUZA

647

**O conceito de língua em perspectiva histórica:
reflexos no ensino e na formação de professores de português**

Edleise MENDES

667

**Prescrição *versus* criatividade
no ensino da gramática do português**

Maria Clara PAIXÃO DE SOUSA

679

RIO-TORTO, Graça; ANASTÁCIO, Conceição (2004). Estrutura e interpretação dos nomes depredicativos em português. In: RIO-TORTO, Graça (Coord.). *Verbos e nomes em português*. Coimbra: Livraria Almedina. p. 187-220.

RODRIGUES, Alexandra Soares (2008). *Formação de substantivos deverbais sufixados em português*. München: Lincom. (Studies in Romance Linguistics 57).

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1930). Inéditos de D. Carolina Michaëlis. *Revista Lusitana*, 28 (1-4), p. 16-41.

VASCONCELOS, José Leite de (1928). *Opúsculos* I, parte I. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Fonte electrónica

Folha de São Paulo (on-line): <http://www.folha.uol.com.br/>



A antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes personativos

Juliana SOLEDADE
Universidade Federal da Bahia
PROHPOR

Introdução

As línguas se organizam em subsistemas dinâmicos, que estão em constante processo de reestruturação. Ao estudar o subsistema lexical de uma língua, observamos que existem padrões gerais de organização de suas estruturas, revelados, sobretudo, através dos processos de formação de palavras, que permitiram (e permitem) a produção e a interpretação de itens lexicais. Sendo a antroponímia uma parte relevante do léxico das línguas, e sendo o léxico um nível sistêmico sobre o qual incidem padrões gerais de estruturação, podem-se identificar padrões estruturais para os nomes personativos? Ou estes em nada se relacionam com o sistema da língua? Bosque e Demonte (2003, p. 79) afirmam que a RAE (Real Academia Española) reconhece a dificuldade de estabelecer, com critérios objetivos, a distinção entre nomes próprios e nomes apelativos (ou comuns) e prefere assumir uma posição extrema, ao dizer que os nomes próprios, provavelmente, nada têm a ver com a gramática. E, ainda, se os antropônimos fazem parte do sistema lexical, os processos de formação de palavras atuam sobre eles de forma significativa? Essas questões se colocam como pontos basilares de motivação para os estudos antroponímicos.

Em 2007, iniciou-se, no Instituto de Letras da UFBA, um projeto de pesquisa sobre a antroponímia na Bahia,¹ intitulado *Todos os nomes: análise sócio-histórica, etimológica e mórfica da antroponímia baiana*, tendo por objetivo principal e final a elaboração de um

¹ Este projeto, que se integra ao *Programa para a história da língua portuguesa* (PROHPOR), vem sendo coordenado pelas professoras doutoras Ariadne Almeida, Juliana Soledade e Tânia Lobo, e conta, atualmente com a participação de seis estudantes de graduação, sendo quatro deles bolsistas (PIBIC/CNPq e PERMANECER) e dois voluntários.

dicionário etimológico de antropônimos.² Questões relativas à etimologia e à configuração mórfica dos nomes personativos, quer daqueles que nos chegaram via herança lusitana, quer daqueles que são fruto da criatividade linguística brasileira, têm suscitado inquietações quanto ao caráter sistêmico (ou não) dos processos genolexicais dos antropônimos.

Em face dessas inquietações, pretende-se, neste breve estudo, voltar os olhos para a antroponímia em seu percurso histórico, a partir de um quadro representativo dos nomes personativos do português arcaico, no período que se estende entre os séculos XIII e XVI. Ao se investigar as origens da antroponímia portuguesa, intenta-se perscrutar, relativamente aos processos de formação de palavras, indícios de padrões gerais de estruturação, mais especificamente, quanto à sufixação. E, ainda, buscar nesses indícios algumas pistas para compreender o quadro geral dos antropônimos no Brasil hoje.

1 Sobre a constituição do quadro antroponímico do português arcaico: o que os dados nos revelam

O patrimônio lexical do português se constituiu a partir de origens diversificadas, tendo, como lastro essencial, as palavras advindas do latim e do grego via latim, com contribuições, mais ou menos significativas, das línguas com as quais, primeiro o latim vulgar, depois o romance galego-português e, por fim, a língua portuguesa entraram em contato no seu processo histórico. No caso do léxico antroponímico, espera-se que o fundo patrimonial, a que chamamos de léxico antroponímico tradicional, se comporte em grande medida como o léxico comum no que se refere a sua origem.

A configuração do sistema antroponímico português vincula-se ao sistema latino, que, em princípio, refletia a estrutura familiar inserida na organização social do patriciado romano. Mas, na língua do Lácio, a antroponímia foi sendo, paulatinamente, reformulada pelos seus falantes, devido, entre outros fatores, à ascensão política e social da plebe, à integração dos chamados bárbaros e à promoção do Cristianismo.

Piel, em *Antroponímia germânica na Península Ibérica* (1989[1960], p. 129-147), afirma que o onomástico pessoal antigo e moderno recebeu uma considerável contribuição do superstrato germânico. Contudo, na história da formação da antroponímia portuguesa, segundo o mesmo autor, há ainda que se considerar que, a partir do século XII, são densamente incorporados nomes latino-cristãos referentes a santos, relegando os germanismos a uma posição secundária. Outro aspecto relevante é a considerável contribuição germânica para o léxico antroponímico, em confronto com sua pequena parcela de contribuição para o léxico comum, quadro que é diametralmente oposto à influência lexical árabe. Piel associa essa configuração dos empréstimos germânicos na antroponímia à solidariedade hispanogoda-cristã, em função da presença islâmica, o que, em contraposição, justificaria a escassez do elemento árabe no rol dos nomes personativos.

2 Em sua primeira fase, o projeto vem trabalhando a partir de um *corpus* constituído por 3.986 prenomes, correspondentes ao total de candidatos aprovados no processo seletivo para ingresso na Universidade Federal da Bahia (UFBA) no ano de 2005.

Os dados coletados para esse estudo vêm confirmar o quadro retratado por Piel, uma vez que se observa a predominância de nomes greco-latinos relacionadas a uma tradição cristã, seguida de nomes germânicos, com ausência de nomes de origem árabe. As demais etimologias apresentam-se de forma esporádica.³

O *corpus* constituído para este estudo é formado por 1.337 ocorrências de prenomes coletadas em 162 documentos notariais editados por Ana Maria Martins⁴ - sendo 50 documentos do século XIII, 50 do século XIV, 43 do século XV e 19 do século XVI.⁵

Nesses dados, verificou-se um grande número de homonímias,⁶ redundando apenas em 103 nomes distintos, dos quais 25 nomes foram identificados como de origem germânica (dentre eles: *Aldonça, Bernaldo, Elvira, Fernam, Giraldo, Guilhem, Reinaldo, Rodrigo*) e 60 nomes de origem greco-latina e cristã (dentre eles: *Clara, Clemente, Fillipe, Francisco, Johannes, Marcos, Maria, Matheus, Miguel, Pedro, Sebastiam, Simão, Tereza, Tomé*). Vale ressaltar que a predominância dos nomes latino-cristãos é ainda mais significativa se considerarmos o número de ocorrências com as homonímias; por exemplo, foram encontradas 189 ocorrências de *João*, 237 de *Pedro* ~ *Pero* e 45 ocorrências de *Maria*⁷

2 Nomes personativos: palavras sem sentido?

Os antropônimos tradicionais, em geral, são considerados formas fossilizadas ou opacas. Isso quer dizer que estes sofreram ao longo da história da língua um esvaziamento semântico. Não só os antropônimos, mas também palavras do léxico comum podem sofrer esvaziamento semântico, em função do caráter dinâmico que as línguas assumem, através, entre outros fatores, da tensão conservadorismo/mudança. Para os antropônimos, essa erosão semântica advém da própria natureza da nomeação da pessoa. Os nomes apelativos, ao serem empregados para designar indivíduos, perdem, parcial ou totalmente, o valor semântico que carregavam, quando eram empregados como parte do léxico comum. Tal concepção é calcada em estudos desenvolvidos por Stuart Mill (*apud* ULLMANN, 1987, p. 21), que afirma:

Proper names are not connotative; they denote the individuals who are called by them; but they do not indicate or imply any attributes as belonging to those individuals. When we name a child by the name Mary, or a dog by the name Caesar, these names are simply

3 Foram identificadas 8 ocorrências de prenomes de etimologias diversas (celta, basca, castelhana, hebraica) e 10 ocorrências sem étimo estabelecido.

4 Os documentos notariais editados por Martins foram consultados em meio digital, através do *Corpus informatizado do português medieval (CIPM)*, hospedado no endereço: <http://cipm.fcsh.unl.pt/>.

5 A configuração dos documentos notariais permitiu uma sistematicidade na recolha dos dados: os nomes em geral foram localizados no *caput* do documento, onde se registram os nomes dos litigantes e a motivação do litígio e, na parte final, onde se registram os nomes das testemunhas. Os testamentos foram os únicos documentos a serem integralmente analisados, uma vez que nomes de beneficiários iam sendo citados, para além dos que constavam no *caput* e na *partae final*.

6 Os conceitos de homonímia e de morfema não podem ser aplicados literalmente aos antropônimos, em função do esvaziamento semântico que os nomes personativos sofrem.

7 O número de ocorrências de 'Maria' pode parecer pouco significativo se comparado ao número total de prenomes coletados, mas, considerando que o número total de nomes femininos no *corpus* corresponde a apenas 196, tal recorrência passa a ser bastante significativa, cerca de 24%.

marks used to enable those individuals to be made subject of discourse. It may be said, indeed, that we must have had some reason for giving them those names rather than any others: and this is true; but the name, once given, becomes independent of the reason. A man may have been named John because that was the name of his father; a town may have been named Dartmouth, because it is situated at the mouth of the Dart.⁸

Assim sendo, para Mill, os nomes personativos não possuem conotação, ou seja, não são providos de conteúdo sêmico. Contudo, essa concepção pode ser modalizada, uma vez que, em inúmeras situações,⁹ o sentido do nome apelativo que deu origem ao nome próprio é retomado, ainda que a denotação do indivíduo e a sua inserção no discurso sejam de fato as funções primeiras dos nomes personativos.

Quando um nome comum passa a nome próprio, o referencial físico que elucidaria o significado não mais existe. O antropônimo guarda, sob um invólucro aparentemente sem sentido – associação de fonemas pertencentes à língua, que formam uma cadeia sonora eventualmente desconhecida no momento da decodificação –, morfemas que permitem a reconstrução etimológica. É, algumas vezes, essa significação, resgatada do étimo do vocábulo, que motiva a nomeação dos indivíduos.¹⁰

Quando se trata da análise dos elementos formativos dos vocábulos, ou seja, dos componentes morfolexicais, esbarra-se sempre na questão da significação, afinal, se tradicionalizou a concepção de morfema como unidade mínima da língua portadora de significado. Considerar o morfema como unidade mínima de significação acarreta problemas de descrição linguística, uma vez que, com alguma frequência, não é possível identificar claramente um significado ou função para uma forma mínima recorrente que não seja um fonema. Tais dificuldades se aprofundam quando se analisam os componentes morfolexicais dos antropônimos, uma vez que os significados dos nomes personativos ou de seus elementos formativos só podem ser recuperados observando o percurso histórico gerativo desse nome.

Dessa forma, ao investigar a sufixação em antropônimos tradicionais no período arcaico, só é possível se valer de uma análise calcada em informações acerca do étimo desses elementos, diferentemente do que se tem proposto para a segmentação e análise dos nomes neológicos no português brasileiro contemporâneo, cuja critério para a

8 “Nomes próprios não são conotativos; eles denotam o indivíduo que nomeiam; mas eles não indicam ou implicam quaisquer atributos relativos a esses indivíduos. Quando nomeamos uma criança com o nome de Maria, ou um cachorro com o nome de César, esses nomes são simplesmente marcas utilizadas para possibilitar que esses indivíduos possam ser sujeitos do discurso. Pode-se afirmar, de fato, que podemos ter tido motivos para lhes atribuir tais nomes e não outros quaisquer, e isso é verdade; contudo, o nome, uma vez atribuído a um indivíduo, torna-se independente das razões que motivaram a nomeação. Um homem pode ter sido nomeado de João porque este era o nome de seu pai e uma cidade pode ter sido nomeada Dartmouth, porque está situada na foz do rio Dart.” [Tradução livre]

9 Não são raras as ocasiões em que o falante associa o nome personativo ao nome apelativo que lhe deu origem; casos como “uma rosa para Rosa”, “apareceu Aparecida” são indícios de que alguma associação ao significado do nome comum pode ser estabelecida.

10 Haja vista o grande interesse de futuros pais por listas de nomes para bebês e seus significados. Há, contudo, que se considerar a abundante existência de listagens com etimologias fantasiosas ou reinterpretadas pelos autores. Para a língua portuguesa, temos dois dicionários de nomes próprios elaborados por linguistas (NASCENTES, 1952 e MACHADO, 1981), contudo, é pouco provável que o público leigo se utilize desses dicionários para a escolha dos nomes que atribuirão a seus filhos.

identificação de morfemas tem sido a recorrência sistemática em posições, mais ou menos, predeterminadas, como se pode observar nos quadros¹¹ a seguir:

Quadro 1: Segmentação de nomes personativos neológicos formados por sufixação (corpus do projeto *Todos os nomes*)

Derivação

Nome	Posição 1 – inicial	Posição 2 – medial	Posição 3 – final
Adnete	Ad-	-	-nete
Adilson	Ad-	-il-	-son
Adilton	Ad-	-il-	-ton
Adilvan	Ad-	-il-	-van

Quadro 2: Segmentação de nomes personativos neológicos formados por composição (corpus do projeto *Todos os nomes*)

Composição

Nome	Posição 1 – inicial	Posição 2 – medial	Posição 3 – final
Marinalva	Mari-	-	-nalva
Marinês	Mar(i)-	-	-inês
Marissol	Mari-	-	-sol
Marivaldo	Mari-	-	-valdo

Esses exemplos fornecem algumas pistas sobre os processos de formação dos nomes neológicos. Assim, observa-se que o formativo *Ad-*, que pode ser uma forma reduzida remanescente do germânico *Adal-* ‘nobre’, é recorrente na posição inicial de nomes neológicos; por sua vez, na posição medial, observa-se com frequência a presença do formativo *-il-*, que, contudo, pode também aparecer como elemento em posição final, quando a formação requer apenas dois elementos (*Adil*, *Edil*, *Janil*,¹² entre outros). De outra parte, os elementos formativos que ocupam posição final nesses exemplos parecem recorrer sempre nessa posição, contudo não necessariamente exigem a presença do segundo formativo, havendo casos como: *Advan*, *Adson*, *Adnete*, *Adton*.¹³

Quanto às formas compostas, destaque-se que em todos os casos pode-se observar os elementos formativos ocorrendo como formas livres na língua: *Mari*, *Nalva*, *Inês*, *Sol*, *Valdo*. Assim como se pode observar a ocorrência dos segundo formativo em posição 1: *Valdomiro*, *Nalvalice*, *Inesalva*, também se pode observar a ocorrência de *Mari* em posição final, como em *Admari*.

3 A sufixação em nomes personativos no português arcaico e alguns reflexos sobre o português do Brasil

Como dito anteriormente, os nomes tradicionais recolhidos na documentação notarial do período arcaico não forneceram um número de ocorrências diversificadas, o que não permitiu a utilização do método de comutação para a segmentação morfológica,

¹¹ Os dados que compõem os Quadros 1 e 2 foram extraídos do *corpus* analisado pela estudante-pesquisadora Priscila Posidônio, que vem levantando e segmentando os nomes neológicos no *corpus* do projeto *Todos os nomes*.

¹² Esses exemplos foram verificados no Google em páginas hospedadas no Brasil, designando indivíduos brasileiros.

¹³ *Idem*.

direcionando, portanto, a análise mórfica a partir da investigação etimológica realizada nos dicionários de Nascente (1952) e Machado (1981), fundamentalmente.

O estudo da morfologia dos nomes próprios é ainda incipiente, revelando-se, portanto, um desafio partir do que se conhece da morfologia dos nomes comuns para se tentar estabelecer as bases linguísticas que entram nos processos morfolexicais de formação de antropônimos.

Segundo Bosque e Demonte (2003, p. 79), a tentativa de delimitação do nome próprio, em bases estritamente linguísticas, como uma categoria diferenciada do nome comum se relaciona ao estabelecimento de uma série de propriedades, que, embora não sejam por si só definitórias, servem, em conjunto, ao propósito de caracterizar os nomes próprios; tais propriedades seriam: introdução por inicial maiúscula; flexão fixa; unidade referencial; ausência de significado léxico; ausência de determinantes – quando empregados em sua função prototípica; incompatibilidade com elementos restritivos ou especificativos – quando empregados em sua função prototípica; e impossibilidade de tradução.

Quando se trata da análise dos processos de formação dos nomes próprios e dos operadores que atuam nesse processo, as bases linguísticas se apóiam e, em geral, se encerram em parâmetros aplicáveis a nomes comuns, não tendo sido ainda identificados estudos que apontem para uma definição das peculiaridades dos processos morfolexicais de formação do léxico antroponímico.

No período arcaico, com base nos dados coletados, pode-se identificar que, à semelhança do que ocorre com os nomes apelativos, dois processos genolexicais atuam na formação de antropônimos: a sufixação e a composição.¹⁴

Sobre a composição, vale destacar que foram encontradas, em todo o *corpus*, 22 ocorrências de prenomes formados por esse processo, sendo 1 de origem grega (*Fillipe*, do gr. *Philippos* ‘que gosta de cavalos’, *filós* ‘gosta’ e *hippos* ‘cavalo’) e 21 de origem germânica, o que vem corroborar a afirmação de Piel (1989 [1960], p. 129-147), quando diz que, como no grego e nas línguas indo-europeias, em geral, os prenomes germânicos são formados de dois elementos do léxico comum, como em: *Afonso*, do germ. *Adal* ‘nobre’ e *funs* ‘rápido, pronto, apto’. Sobre os compostos germânicos, vale ainda ressaltar o formativo *-aldo* presente em *Bernaldo*, *Givaldo* e *Reinaldo*, que advém do germ. *hard* ‘duro, forte’ e que se mantém extremamente produtivo como formativo de nomes neológicos no português brasileiro, como em, por exemplo: *Deraldo*, *Ederaldo*, *Edinaldo*, *Edvaldo*, *Elivaldo*, *Erivaldo*, *Francinaldo*, *Givaldo*, *Jocevaldo*, *Marivaldo*, *Nivaldo*, *Rosinaldo*, *Serivaldo* e *Zenaldo* (dados coletados no *corpus* do Projeto *Todos os Nomes*).

A sufixação revelou-se mais produtiva que a composição, similarmente ao que ocorre nos nomes comuns de origem greco-latina.¹⁵ Foram identificadas 40 ocorrências de nomes personativos formados pelo processo de sufixação, dentre as quais 26 são deri-

14 Dos 103 nomes coletados nos documentos notariais, 42 foram identificados como nomes simples (ex: *Adam*, *Ayras*, *Brás*, *Gil*) ou não obtiveram identificação quanto ao processo de formação (*Durancil*, *Egeas*, *Goyam*, *Myçia*).

15 Maurer Jr., em sua *Gramática do latim vulgar*, ao abordar os processos de formação de palavras, afirma que a língua vulgar continuou, como o latim, tendo a sufixação como processo genolexical mais produtivo.

vações feitas já no latim ou no grego; 6 são derivações feitas em outras línguas românicas e 8 são derivações que se deram, aparentemente, durante o processo de formação da língua portuguesa, ou seja, em algum momento, no período que se instaura entre a queda do Império Romano (séc. V) e o início do período arcaico (séc. XIII), tendo sido, portanto, posteriormente interpretadas como portuguesas.

As ocorrências identificadas demandam uma apreciação acurada de cada um dos casos, contudo, pela brevidade desta exposição, nos ateremos a mencionar as ocorrências e suas etimologias e a fazer observações de aspectos mais evidentes.

3.1 O sufixo *-a* e o sufixo *-o*

Tradicionalmente, o morfema marcador de gênero feminino *-a* tem sido tratado como morfema flexional de gênero; contudo a revisão desse posicionamento teórico já vem sendo apontada por autores mais contemporâneos, como Sandmann (1991), Rocha (1998) e Bosque e Demonte (2003). Estes últimos parecem retratar uma postura mais recorrente de aceitação do *-a* como morfema derivacional na tradição linguística espanhola. Considerando a assintemática e irregularidade dos processos de marcação do gênero em português, assumimos o morfema *-a*, que atribui valor semântico ‘feminino’ aos vocábulos aos quais se agrega, como morfema derivacional e, portanto, sufixo.

Foram identificadas as seguintes ocorrências com o sufixo *-a* em processos constitutivos de prenomes do período arcaico:

Quadro 3

-a	Béeyta	de <i>Beento</i> + <i>-a</i> (sufixo formador de feminino) < do lat. <i>benedictus</i> , part. presente de <i>benedicere</i>
-a	Branca	de <i>branco</i> + <i>-a</i> (sufixo formador de feminino) < do lat. <i>barncus</i>
-a	Domingas	de <i>Domingos</i> + <i>-a</i> (sufixo formador de feminino) < do lat. <i>Domenicus</i>
-a	Giralda	de <i>Giraldo</i> + <i>-a</i> (sufixo formador de feminino) < do germ. <i>Girard</i> ; <i>gari- ger-</i> ‘lança’ + <i>hard</i> ‘duro’
-a	Johana	do lat. bíblico <i>Joanna</i> , fem. de Jo(h)annes + <i>a</i> (sufixo formador de feminino)
-a	Loiza	de <i>Luis</i> + <i>-a</i> (sufixo formador de feminino)
-a	Sancha	de <i>Sancho</i> + <i>-a</i> (sufixo formador de feminino) < do lat. <i>Sanctus</i>

Excetuando-se o caso de *Johana*, cuja forma feminina já se aponta como sendo latina, as demais formas parecem ter sido produzidas no devir histórico da língua portuguesa, tanto é que as formações femininas afetam não só palavras de origem latina, mas também germânicas, como os femininos *Loiza* e *Giralda*, produzidos a partir dos masculinos *Luis* (do germ. *Hludwig*) e *Giraldo* (do germ. *Girard*). Tal processo parece encontrar bastante repercussão e produtividade no português brasileiro atual, como podem demonstrar os neológicos sincrônicos (*Ariela* < *Ariel*; *Brena* < *Breno*; *Danila* < *Danilo*; *Edvalda* < *Edvaldo*; **Hélita* < *Héliton*; **Valmira* < *Valmiro*).

O elemento morfêmico *-o*, que serve sobretudo para atualização, no léxico, de nomes em sua maioria masculinos, é tradicionalmente identificado como vogal temática, contudo é possível identificar o morfema *-o* como portador de significação ‘masculino’,

na formação de antropônimos, como *em Alziro* < *Alzira*, *Janilzo* < *Janilza*; *Manuelo* < *Manuela*. No português arcaico, foi encontrada a forma *Raposo*.

Quadro 4

-o	Raposo	de <i>raposa</i> + -o (sufixo marcador de masculino); de origem obscura, talvez de <i>rabo</i>
----	--------	--

Observe-se, contudo, que, no caso de *Raposo*, temos a formação diretamente do nome apelativo, uma vez que não se identifica a forma *Raposa* como antropônimo. Nesse caso, questiona-se o valor derivacional do morfema -o, contudo, ao compor um nome personativo exclusivamente masculino, não teria o morfema -o a mesma função e significado que nos exemplos anteriores?

3.2 Os sufixos -am1 e -am2

Quadro 5

-am1	Tristam	do fr. <i>Tristan</i> < do celta <i>Drystan</i> , der. de <i>drust</i> 'estrondo, ruído, tumulto'
-am2	Sebastiam	do lat. <i>Sebastianus</i> < do gr. <i>Sebastianós</i> , der. de <i>Sebastós</i> 'augusto, digno de veneração'

Em *Tristam*, Machado aponta a ocorrência de uma derivação a partir do celta *Drust*, donde se infere a existência de um sufixo -an, talvez formador de adjetivo equivalente semanticamente a -oso (*ruidoso*), ou -nte (*estrondeante*), ou ainda -ado (*tumultuado*), haja vista a natureza adjetival do nomes personativos em sua origem.

Por sua vez, o sufixo -am2, forma popular do sufixo gentílico latino -anu, -ana, embora só tenha sido registrado no *corpus* notarial do português arcaico nessa singular ocorrência, possui uma produtividade bastante significativa na formação da antroponímia portuguesa, tanto entre nomes tradicionais (*Adriano, Adriana, Juliana, Juliano, Mariana, Mariano*), quanto entre os nomes neológicos, em que se verifica a grande ocorrência das variantes -ana ~-ane, esta por influência do francês (*Adriane, Aliane, Alziane, Clesbeane, Deijeane, Dorleane, Ediana, Fabiane, Franciane, Gleisiane, Ilana, Jariana, Joseane, Jozana, Juniana, Luana, Luziana, Luziane, Maiana, Milana, Naiana, Naraiana, Rosane, Roseane, Taiana, Uiliane*). O sufixo -anu, que deu origem a alguns antropônimos masculinos tradicionais, não foi identificado entre os neológicos do *corpus* do projeto *Todos os nomes*.

3.3 O sufixo -eiro ~ -eira

O sufixo -eiro ~-eira, originário do sufixo latino -arius, é de particular importância no estudo do período arcaico da língua portuguesa, isso porque ele assume sua autonomia não só fônica, conforme as seguintes etapas: -ariu- > -airo > -eiro, mas também sua autonomia funcional, apresentando uma tal vitalidade, que -ario, o descendente direto do sufixo latino, não conseguiu alcançar.

O registro desse sufixo entre os nomes personativos nos parece bastante restrito. Entre prenomes, não se identificou nenhuma ocorrência no *corpus* do português contemporâneo, enquanto que, entre sobrenomes, sua frequência se revelou um pouco mais significativa. No período arcaico, foram identificadas duas ocorrências com esse sufixo:

Quadro 6

-eira	Brigueyra	de <i>Briga-</i> + <i>-eira</i> (<i>briga</i> do céltico ‘rochedo, fortaleza, cidade’)
-eiro	Soeyro	de origem obscura; talvez do lat. * <i>Suarius</i> . <i>Sus</i> ‘porco’; ‘porqueiro’

Pela ausência de registro da forma latina **Brigarius* e pelo étimo celta da base *briga-*, infere-se que esta seja uma formação ibérica.

3.4 Os sufixos -el1 e -el2

Os sufixos *-el1* e *-el2* possuem significativa relevância para formação da antroponímia portuguesa e brasileira. Sendo *-el1* advindo do hebraico, com valor semântico ‘relativo, pertencente a Deus’, apresenta-se recorrente entre nomes das tradições bíblica e cristã, como se observa nas ocorrências do PA.

Quadro 7

-el1	Graujell	do fran. <i>Gabriel</i> < do lat. ecles. <i>Gabriel</i> ‘homem de Deus’
-el1	Michael ~ Miguel	do gr. <i>Michael</i> < do hebr. <i>Michael</i> ‘que é como deus’

No português atual, esses nomes tradicionais continuam frequentes entre as escolhas de nomeação, além de *Gabriel*, *Miguel* e *Michel*, encontramos ainda *Ariel*, *Daniel*, *Manuel*, *Rafael*, *Uriel*, entre outros. Porém, a atuação do sufixo se revela mais significativa quando observamos nomes neológicos do português brasileiro contemporâneo, como *Carliel*, *Josiel*, *Naldiael*, *Orliel*, *Roniel*, *Valniel*. Além da participação em posição medial, em formações com sufixo *-son* ~ *-ton*, como: *Adielson*, *Adelson*, *Adelton*, *Aelton*, *Delson*, *Josielson*, *Marielson*, *Nielson*.

Quadro 8

-el2	Isabel	do fr. <i>Isabelle</i> < do fr. <i>Elizabeth</i> < do hebr. <i>Elisheba</i> , cujo uso deve ter se generalizado por influência do adjetivo <i>bela</i>
------	--------	--

O sufixo francês *-elle*, importado para o português já no período arcaico, designa simultaneamente ‘feminino’ e ‘diminutivo’ – similarmente ao que ocorre com o sufixo *-ina* latino. Esse sufixo possui duas atualizações em português: *-el*, presente no nome tradicional *Isabel*, e *-ele*, que se revela significativamente produtivo entre os personativos neológicos do *corpus* analisado pelo projeto *Todos os nome*, como se verifica em: *Ariele*, *Aniele*, *Diele*, *Eniele*, *Francielle*, *Manuele*, *Rosele*.

3.5 O sufixo -es

O sufixo latino *-ici*,¹⁶ no galego-português, mostra-se grandemente representado na produção dos chamados patronímicos,¹⁷ que funcionam gramaticalmente como complementos determinativos, identificados morfologicamente pelo sufixo *-ez*. No *corpus* do português arcaico consultado, encontraram-se formas que foram reinterpretados como prenomes:

Quadro 9

-es	Eanes	do lat. <i>Iohannici</i> < de <i>Iohannis</i> com sufixo <i>-ici</i>
-es	Giraldeanes	do fr. <i>Gerard</i> < do germ. girard – gari- ger- ‘lança’ + hard ‘duro’ + <i>Iohannici</i> de <i>Iohannis</i> com sufixo <i>-ici</i> patronímico
-es	Gomez	do lat. <i>Gomici</i> , patron. de <i>Goma</i> ou <i>Guma</i> + <i>-ici</i>
-es	Roriz	de <i>Roderici</i> patron. < do germ. <i>Roderico</i> + <i>-ici</i>

Pela presença do prenome *Roriz*, forma proclítica de *Roderici*, percebe-se que esse sufixo atuava como genitivo (morfologicamente marcado), independente da etimologia da base. No português baiano atual, podem-se identificar algumas ocorrências em que a terminação em *-es* pode estar relacionada ao sufixo em questão, como em: *Ceudes*, *Damires*, *Edmildes*, *Edwardes*, *Nildes*, *Roquildes*, sendo pouquíssimo provável que esse sufixo mantenha nas novas formações o seu caráter patronímico, sendo, por exemplo, *Ceudes*, ‘filha de Ceudo’, ou *Roquildes*, ‘filha de Roquildo’.

3.6 O sufixo -ia

O sufixo *-ia* vem do latim eclesiástico *-ia*, originado do sufixo grego *-ia*. Maurer Jr. (1959, p. 252) afirmou que *-ia* é frequentemente incluído entre os sufixos do latim vulgar, o que, para ele, não tem razão de ser, pois o sufixo em questão parece ser recorrente apenas nas línguas românicas ocidentais, não aparecendo no romeno. Para esse autor, *-ia* foi introduzido do grego no latim eclesiástico e, por essa via, teria chegado ao português.

Na formação de antropônimos, esse sufixo se verifica em nomes advindos do grego:

Quadro 10

-ia	Stavania	do gr. tard. <i>Stephanos</i> ‘o que envolve’ pelo lat. <i>Stephanus</i> + <i>-ia</i>
-ia	Sufia	do gr. <i>Sophia</i> ‘ciência, sabedoria’ / <i>sophos</i> ‘hável, sábio’ + <i>-ia</i>

Em prenomes tradicionais greco-latinos, esse sufixo encontra alguma representatividade, como em *Cecília*, *Eugênia*, *Hercília*, *Marília*. Em nomes neológicos, foram identificadas como possíveis ocorrências de *-ia*: *Avilânia*, *Cíndia*, *Davínia*, *Dejiaria*, *Edvânia*, *Elízia*,

¹⁶ Sobre a questão da origem, latina ou ibérica, do sufixo patronímico, veja-se Boullón Agrello (1999, p. 40).

¹⁷ “O patronímico representa um genitivo derivado do nome do pai, o qual na Idade Média indicava filiação. Assim, Vaz é o patronímico que designava alguém como “o filho do Vasco”; Lopez era o “filho de Lopo” e Perez/Pirez “o filho de Pedro ou Pero”. Analogamente, há muitos outros casos de patronímicos que sobrevivem até hoje, embora consolidados como apelidos de família e esvaziados do sentido primeiro, expressar filiação.” (CARVALHINHOS, 2007, p. 6)

Gardênia. Machado (1981) aponta como brasileirismo: *Islânia*, *Josélia*, *Marúzia*, *Noélia*, *Sidineia*, *Valdélia*.

3.7 Os sufixos -ino ~ -inhol / -ina ~ -inha e -inho2

O sufixo latino *-inu*, *-ina*, que nos deu *-inho* ~ *-ino*; *-inha* ~ *-ina* no português arcaico e no português contemporâneo, segundo Coutinho (1962, p. 265), servia para formar adjetivos latinos, como *caninus*, e só posteriormente adquiriu o valor diminutivo.

Porém, conforme A. G. Cunha (1998), já no latim, esse sufixo assumiu a função diminutiva, que, segundo ele, decorre da noção de origem, descendência, que expressava em certos vocábulos latinos. Essa questão se reflete na identificação de dois sufixos homomórficos no português arcaico: 1) uma forma com denotação ‘diminutivo’ e 2) outra forma com denotação ‘relativo a’:

Quadro 11

-ina1	Catarina Katerina	~	do lat. <i>Catharina</i> do greg. <i>kathara</i> ‘pura, casta’
-ina1	Senhorina		do lat. <i>seniorina</i> < fem. de <i>seniorinu</i> - dimin. de <i>sênior</i>
-inho1	Antonjinho		do lat. <i>Antoninu</i> - deriv. de <i>Antonius</i> , com sufixo <i>-inho</i>

-ino2	Agustino		do lat. <i>augustinus</i> < de <i>ausgustus</i> + <i>-inu</i> ‘relativo a’
-inha2	Marinha		do lat. <i>marina</i> ‘do mar’; <i>mar</i> + <i>-ina</i> adj. ‘relativo a’
-inho2	Martinho		do lat. <i>Martinu</i> -
-inho2	Sadorninho		Form. pop. do lat. <i>Saturninu</i> - < <i>saturnu</i> - + <i>-inu</i> ‘relativo a’

É interessante destacar a produtividade desse sufixo na formação de prenomes tradicionais, como *Carolina*, *Celina*, *Clementina*, *Cristina*, *Gasparino*, *Geraldino*, *Marina*, e de prenomes neológicos no português contemporâneo, como em: *Carlina*, *Gersino*, *Josinha*, *Josina*, *Jovelino*, *Julianina*, *Valdino*.

3.8 O sufixo -nte

O sufixo *-nte* tem sua origem no sufixo de particípio presente latino *-ens*, *-entis*, que, como forma verbal, segundo Maurer Jr. (1959, p. 131), estava em decadência desde a língua latina arcaica. Segundo o autor, o uso adjetival desse sufixo nas línguas românicas tem sua origem no latim literário, que conseguiu lhe dar vitalidade.

Portanto, a relativa produtividade desse sufixo na formação de nomes personativos no português arcaico não se deve ao latim vulgar, mas sim à influência erudita, sendo a maioria das formas já derivadas no latim, formando nomes apelativos que foram reinterpretados como prenomes, como:

Quadro 12

-nte	Clemente	do lat. <i>clemens</i> – <i>entis</i>
-nte	naçête	do lat. <i>nascentis</i> – <i>nte</i> ; part. pres. de <i>nascere</i>
-nte	Vicête	do lat. <i>Vicente</i> - de <i>vincens</i> , part. pres. de <i>vincere</i>
-nte	Violante	do lat. <i>viola</i> 'tipo de flor – violeta' + –nte 'agente'

Não se verifica a produtividade desse sufixo na formação de prenomes em português, marcado apenas pela presença desses nomes tradicionais advindos de apelativos reinterpretados.

3.9 Sufixos com ocorrências singulares

Alguns sufixos se limitaram a ocorrências singulares, a saber:

Quadro 13

-ada	Amada	do lat. adj. <i>amatus</i> , -a
-asco	Vasco	* <i>de *Velascu</i> < do basco <i>belasco</i> 'pequeno corvo' bele- 'corvo' + *-asco 'diminutivo'
-dor	Salvador	do lat. <i>Saluator</i> – <i>oris</i>
-estre	Silvestre	do lat. <i>Silvestre</i> – de <i>silva</i> 'selva' + – <i>estre</i> 'relativo a'
-isco	Francisco	do it. <i>Francesco</i> < do lat. <i>Franciscus</i> < <i>franco</i> (frança) + – <i>isco</i> <i>Frankisch</i> (<i>frank</i> + <i>isk</i>)
-nça	Constança	do lat. <i>constantia</i> < fem. de <i>constatius</i> , deriva de <i>constants</i> + – <i>ia</i>
-ndo	Fagüdo	do lat. <i>facundus</i> 'que fala com facilidade'
-triz	Beat(ri)z	do it. <i>Beatrice</i> < do lat. <i>Beatrice</i> , de <i>beare</i> 'aquela que faz feliz' + – <i>triz</i> (sufixo formador de feminino)

Vale destacar nesse grupo o sufixo *-triz*, que já apresenta baixa produtividade na constituição de nomes apelativos derivados, com valor semântico 'feminino' (*embaixatriz*; *imperatriz*) e cuja produtividade entre os nomes personativos parece estar restrita a essa única ocorrência. Além disso, pode-se também destacar que os sufixos *-ada*, *-dor*, *-estre* e *-ndo*, de origem latina, embora apresentem produtividade como constituintes de nomes comuns, entre os nomes próprios não parecem ter assumido papel relevante, uma vez que não foi encontrada, entre os nomes neológicos do português contemporâneo (*corpus* do Projeto *Todos os nomes*), nenhuma ocorrência com esses sufixos, e, mesmo os nomes próprios tradicionais que os apresentam referem-se a recategorizações de nomes apelativos que passaram a personativos. Por fim, sobre *-asco* e *-isco*, ressalte-se, sobre o primeiro, a origem duvidosa e uma baixa produtividade, inclusive entre nomes apelativos; sobre o segundo, a provável origem grega do sufixo *-iskós*, que tenha sido tomado de empréstimo pelos germânicos, dando origem a nomes gentílicos, como *mourisco* e *francisco*, este substituído pelo gentílico *francês*, com sufixo *-es* de alta produtividade na língua.

Do passado ao presente: considerações finais

No que se refere aos aspectos mórficos de constituição dos antropônimos no português arcaico, chegou-se à conclusão de que, muito embora se possam inferir semelhanças com os processos tradicionais de formação de palavras comuns, ressalta o fato de que não se pode afirmar a permanência de significados para os morfemas antroponímicos, que podem ser encarados como elementos formativos pela análise do processo histórico que lhes deu origem.

Assim, a segmentação mórfica dos elementos de formação antroponímica pode ser realizada a partir de um possível morfema, portador de significado, recuperável apenas na diacronia ou na história dos contatos linguísticos entre o português e línguas estrangeiras diversas. Admite-se a pouca probabilidade de que os sufixos emprestados mantenham a sua carga significativa no português, ainda que a sua feição estrangeira se mantenha. Isso pode ser marcado tanto no português arcaico – em sufixos como *-elle*, do francês, e também como *-am2* e *-asco*, pré-romanos, completamente opacos de significação –, quanto no português contemporâneo – com o sufixo *-son* do inglês, altamente produtivo entre nomes neológicos do português brasileiro atual, que, contudo, não chega a conservar a carga semântica ‘filho de’.

Neste trânsito entre o passado e o presente dos nomes personativos, pode-se perceber nitidamente que, embora alguns sufixos se mantenham como elementos produtivos na formação de nomes novos, a sua carga semântica parece ter sido completamente esvaziada, como se observa com o sufixo *-es*, cujo valor patronímico não é recuperável nos nomes neológicos.

Outro aspecto relevante acerca da estrutura mórfica dos antropônimos, quando se confrontam o português arcaico e o português brasileiro contemporâneo, é que, enquanto, no português arcaico, as formas parecem ter uma ligação concreta com nomes apelativos, revelando assim uma constituição mórfica similar e sempre apresentando uma ou mais bases lexicais na formação dos personativos; no português brasileiro contemporâneo, os nomes neológicos apresentam uma possibilidade recorrente de formações com ausência de base lexical, uma vez que se verificam casos frequentes em que não se pode encontrar uma forma livre que sirva de base para a derivação (*Advan*, *Ailton*, *Dilson*, *Deivan*, *Daiara*, *Edilla*, *Edvan*, entre outros).

Vale também ressaltar a ausência, no português arcaico, de alguns sufixos que se mostraram produtivos no português brasileiro contemporâneo, como *-ara*, *-ete*, *-ita*, *-ito*, *-lane*, *-van*, *-val*. E, ainda, é importante questionar o estatuto de sufixo dessas formas no português brasileiro contemporâneo, uma vez que, em formações de prenomes neológicos, algumas delas podem ocorrer em posição medial e até inicial.

Por fim, vale salientar que a comparação entre esses dois momentos históricos permitiu inferir que o sistema morfolexical que atuava sobre os nomes personativos no português arcaico está intimamente relacionado ao sistema morfolexical dos nomes apelativos. Contudo, essa realidade não se mantém, tendo o português brasileiro assumindo